

CAMINHO

CAMINHO

A GORDA  
CAMINHO

CAMINHO

Isabela Figueiredo  
A GORDA

Romance

CAMINHO

CAMINHO

# CAMINHO

Título: A Gorda  
Autor: Isabela Figueiredo  
© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2016  
Capa: Rui Garrido  
Ilustração da capa: Darla Dementyeva

Pré-impressão: Leya, SA  
Impressão e acabamento: Guide  
Tiragem: 3000 exemplares  
Data de impressão: outubro de 2016  
Depósito legal n.º 415 621/16  
ISBN: 978-972-21-2833-9

Editorial Caminho, SA  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
[www.caminho.leya.com](http://www.caminho.leya.com)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

*Para a minha mãe*

CAMINHO

CAMINHO



# CAMINHO

Agradeço a Ana Bela Almeida, Burghard Baltrusch e Paulo de Sousa as incansáveis leituras dos manuscritos deste livro.

Ao último agradeço ainda a dedicação com que o passou para computador.

CAMINHO

*Acredita-me, Frankenstein, eu era bom, a minha alma transbordava de amor e caridade; mas tu não vês que estou só, desesperadamente só? Tu, meu criador, detestas-me; que posso esperar dos teus semelhantes, que nada me devem? Eles repelem-me e odeiam-me. [...] Contudo, está nas tuas mãos fazer-me justiça. Deixa-te enternecer e não me desdenhes. Ouvre a minha história; depois de a ouvires, abandona-me ou lastima-me, mas escuta-me.*

Mary Shelley, *Frankenstein*

*«El pasado no está muerto», escribió Faulkner en «Requiem por una monja»; y añadió: «Ni siquiera es pasado.» Imposible decirlo mejor: el pasado nunca termina de pasar, siempre está aquí, operando sobre el presente, formando parte de él, habitándonos. Vivir un presente sin pasado es vivir un presente mutilado. Es decir: vivir una vida mutilada.*

Javier Cercas, «La dictadura del presente»,  
in *El País Semanal*, 22-06-2014

*«Não há muito tempo, numa conferência a que assisti num liceu, senti que o conferencista escolbera um tema que lhe era pouco familiar, de modo que não despertou tanto o meu interesse quanto poderia. Falou de coisas que não estavam no seu coração, nem perto dele, mas que se encontravam apenas nas extremidades e à superfície. [...] Teria preferido que ele falasse das suas experiências mais pessoais, como faz o poeta.*

*[...] e, sendo assim, proponho administrar-lhes uma forte dose de mim mesmo. Procuraram-me, comprometeram-se a pagar-me, e estou determinado a que me aturem, por mais enfado que lhes cause.*

Henry David Thoreau, *A Vida sem Princípios*

CAMINHO

## Epígrafe sonora

Nina Simone – *I put a Spell on You* (1965)

The Doors – *The Crystal Ship* (1967)

Janis Joplin – *Maybe* (1969)

Abba – *Dancing Queen* (1976)

António Variações – *Estou Além* (1982)

Patty Smith – *Because the Night* (1983)

Stevie Nicks – *Has Anyone Ever Written Anything for You*  
(1985)

Laurie Anderson – *Language is a Virus* (1986)

Prince – *Sometimes it Snows in April* (1986)

Xutos e Pontapés – *À Minha Maneira* (1988)

Rádio Macau – *Amanhã É Sempre Longe Demais* (1989)

The Cure – *Love Song* (1989)

Nirvana – *Come as You Are* (1991)

U2 – *One* (1991)

Annie Lennox – *Why* (1992)

Ornatos Violeta – *Ouvi Dizer* (1999)

Lou Reed – *Turning Time Around* (2000)

Amy Whitehouse – *Back to Black* (2006)

Amor Electro – *A Máquina* (2011)

Jorge Palma – *Imperdoável* (2011)

Lana del Rey – *Born to Die* (2012)

CAMINHO

# CAMINHO

## **Advertência**

Todas as personagens, geografias e situações descritas nesta narrativa são mera ficção e pura realidade.

CAMINHO



Porta de entrada

CAMINHO

CAMINHO

Quarenta quilos é muito peso. Foram os que perdi após a gastrectomia: era um segundo corpo que transportava comigo. Ou seja, que arrastava. Foi como se os médicos me tivessem separado de um gêmeo siamês que se suicidara de desgosto e me dissessem, no final, «fizemos o nosso trabalho, faça agora o seu e aguarde-se. Aprenda a viver sozinha».

Com a gastrectomia deixei de conseguir comer. Bebia caldos, leite e sumos. Sentia doer o corpo e a mente. Sentia fome profunda, mas tinham-me cortado metade do estômago e o que restava era uma ferida. Nos primeiros meses perdi força e cabelo, e caminhava lentamente, adaptando-me. O meu corpo diminuía à razão de 250 gramas por dia, e comecei a ficar leve, quase a levantar voo, como não me sentia desde a infância. Subia oito andares sem ficar a arfar e podia continuar mais oito, os que fossem necessários, porque nada me detinha. Testava-me através de diversos esforços.

«Vamos lá ver se consigo caminhar 20 quilómetros», e conseguia. Não me tornei invencível. Ainda penso como gorda. Serei sempre uma gorda. Sei que o mundo das pessoas normais não é para mim. Continuo a ter o defeito, mas não se vê tanto; tornou-se menos grave. Há momentos em que me parece ter ganhado uma nova vida, como os que passaram por experiências de quase morte, viram o túnel para o outro lado, com a atraente luz branca no final, chamando-os, mas escolheram voltar. Eu também tenho escolhido, e mesmo que já ninguém me exclua, excludo-me eu, à partida. Conheço muito bem os meus limites. Aquilo a que posso aceder e o que me está vedado para sempre. Os aleijados são, como se diz dos diamantes, eternos.

A mamã morreu no ano passado, pouco depois de Bento XVI ter renunciado, logo substituído pelo Papa Francisco, homem bondoso, compreensivo, humilde, de boa cepa, aparentemente desinteressado do poder material, todo espírito: a versão masculina da mamã. Foi o ano em que Edward Snowden revelou ao mundo que o *Big Brother* existe fora da ficção e os portugueses emigraram aos magotes para qualquer lugar do mundo onde arranjassem um salário com que alimentar os filhos e pagar as hipotecas das casas. A mim, o que me valeu foi ter emprego certo, resultante da prestação de serviço ao Estado, que depende de mim para manter os futuros eleitores na conhecida brandura de costumes que caracteriza o nosso povo. Sou professora de Filosofia

numa escola problemática, onde se defende que o pensamento não interessa, apenas a ação e os resultados. Sei perfeitamente o que o Estado e a sociedade esperam de mim, e dou ou não, conforme a minha lei. Nunca consegui perder o idealismo adolescente que o senhor diretor contrariava no colégio da Lourinhã, em 1978, embora hoje reconheça a sua sabedoria prática. Não se pode dizer que 2013 tenha sido um ano desinteressante. A mamã toda a vida soube escolher as alturas certas.

Quando após a sua morte vieram os cortes da *troika* sobre a sua pensão e subsídio de invalidez, respirei de alívio por ela já não estar viva e eu não ter de lhe explicar que íamos passar a subsistir ainda com menos, porque o nosso Governo e a União Europeia garantiam que antes tínhamos andado a viver acima das nossas possibilidades, logo éramos para exterminar. Ainda bem que a mamã não teve de assistir totalmente à derrocada da grande democracia, que se preparava para lhe cortar os meios de subsistência. Já há dois anos que eu lhe escondia que devolvia ao Estado, em IRS, parte da sua modesta pensão, que saía inteira do meu subsídio de férias. Não podia dar-lhe desgostos por medo de que a estenose na aorta, de que padecia, se agravasse, mas não seria possível esconder a realidade mais tempo. Sejamos práticos, eu pagava tantos impostos e tantas contas que já perdera a capacidade de desencantar dinheiro, de o fazer aparecer onde espreitasse. A morte da mamã foi um alívio. Ter morrido no ano passado

quer dizer que ainda me viu perder os quarenta quilos, aventura iniciada dois anos antes, quando Passos Coelho entrou para o Governo. A gastrectomia não foi barata, mas pagou-se com o que economizo em alimentação. Grande orgulho dei à mamã, que partiu com a ideia de que hei de ganhar em longevidade ao papá, como tanto desejava. Tal como ela, também eu sei escolher as alturas. Não lhe herdei apenas o grupo sanguíneo.

Estamos em 2014. A mamã foi-se. Um dia chegará a minha vez; tarde, espero, mas entretanto arrumo os armários, na mudança de estação, desdobro camisolas, observo-as, e mal acredito que era aquela roupa que me pertencia há um par de anos. As cuecas grandes e os sutiãs velhos! Pijamas enormes abandonados nas gavetas! Camisolas e calças gigantes! Tudo larguíssimo, desemparceirado, gasto, de má memória. Custa-me enfrentar o tamanho das roupas. Não quero visualizar-me metida dentro de panos que me transportam a muitos quilos e dores atrás, nem voltar a parecer uma mulher que não se consegue olhar ao espelho, mas não sou capaz de deitar fora a roupa que me vestiu, que se encostou sem vergonha ao meu corpo doce e mal tocado. Ela não se envergonha do que fui. Acredito que os objetos têm uma aura, uma relação com os seus companheiros humanos, uma vida. Tenho dificuldade em desfazer-me do que viveu na minha companhia, e a minha roupa de gorda foi

paciente companheira e testemunha de sentimentos e gestos, de sucessos e fracassos. Talvez possa oferecê-la, para que progrida na carreira com outra amiga, mas é uma brutalidade chegar junto de uma pessoa e dizer, «já que a senhora continua gorda, porque eu melhorei bastante, veja lá se estas calças lhe servem?!» Não se faz! Ninguém quer ser lembrado pela sua deformidade. Seria como oferecer calças sem pernas a um perneto. Uma ofensa. Talvez ainda possa reciclar alguns fatos, aproveitando o tecido para confeccionar sacos da roupa suja ou panos de pó. Entretanto, guardo tudo. Guardando, ganho uns meses, dentro dos quais decidirei o que fazer aos trapos larguíssimos, coçados na anca e nas mamas. Enfio em caixas de cartão as antigas roupas da gorda triste que sorriu ao longo do percurso, guardo-as no armário do quarto e adio a decisão. Uma de cada vez, conforme se vai conseguindo tomar. Ganho assim o tempo necessário para o distanciamento e desapego, porque o que fica longe da vista se vai inexoravelmente afastando do coração. Não está nas minhas mãos. É a lei da sobrevivência.

Depois da gastrectomia não fiquei nada mal! Vestida disfarço as imperfeições. Nunca terei um corpo como o da Tony, suficientemente esbelto para agradar ao David, mas confesso que me tornei vaidosa, e digo a verdade por me custar desperdiçar a sua extrema pureza.

De vez em quando o elevador da casa dos papás, agora minha, avaria, e é necessário subir as escadas até ao sexto andar. Antigamente o esforço

torturava-me, mas agora gosto. Subo-as como uma atriz que pisa os degraus do palco forrados a passadeira vermelha, sorrindo e acenando aos fotógrafos, e digo-me, «que vitória, Maria Luísa, e que proeza! Quem diria?!»

O espelho do elevador costuma quebrar-se quando há mudanças no prédio. Aborrece-me, porque é nele que pinto os lábios, à pressa, a caminho do trabalho. Quando era gorda evitava ver-me refletida, mas hoje miro-me, usufruindo a minha beleza madura. Por vezes considero que perdi muito tempo, no passado, desgostando de mim, mas reformulo a ideia concluindo que o tempo perdido é tão verdadeiramente vivido na perdição como o que se pensa ter ganho na posseção. E volta o sossego.

Quando regresso a casa, a porta de entrada abre para um *hall* escuro, sem claridade. Atravesso-o e, ao entrar em qualquer compartimento, recebo chapadas de luz impiedosa, quer na frente, virada a poente, quer nas traseiras, para nascente. A luz dói nos olhos. Custa-me suportá-la, mas amorna o espaço e alegra os dias. Quando me sinto triste telefono ao Leonel, que me faz rir com os seus planos para ainda termos filhos em conjunto. Digo-lhe, «homem, já entrei na menopausa», mas ele responde que não faz mal, que «vamos à Califórnia, porque lá tudo se faz». Ele e o companheiro querem ser pais. Ficou-lhes o gosto da anterior tentativa frustrada. Sonharam com uma criança que não che-



gou a nascer. Explico-lhe que há coisas que não estão destinadas a acontecer, que não depende da nossa vontade. Estamos totalmente nas mãos da história que trouxemos inscrita para cumprir.

Quando os papás chegaram de Moçambique e visitámos o apartamento que estava à venda, em 1985, apaixonámo-nos pela luz e pela vista das traseiras. Era uma casa aérea, suspensa no ar e com amplos horizontes. A mamã dizia que em casa onde há luz ninguém ralha e todos têm razão, mas, para dizer a verdade, na nossa casa foi-se ralhando periodicamente, ao longo dos anos, com e sem razão, como em qualquer outra.

Quando regressaram, os papás não conceberam a ideia de voltar às terras onde tinham nascido, porque haviam conhecido demasiado mundo para conseguir estabelecer-se na província. Isto nunca se disse, mas estava implícito. Tinham-me mandado para Portugal em 1975, imediatamente após a independência, e, como eu fora acabar a minha solitária excursão na Cova da Piedade, em casa da tia Maria da Luz, não foram mais longe. A Outra Banda era o braço direito da capital, descontraída e multicultural como a Lourenço Marques dos remediados, donde vieram. Por isso compraram aqui a casa onde acabaram os seus dias, e na qual vivo. Foi o Destino, ao qual ninguém foge, nem os próprios deuses.

O papá nasceu nas Caldas da Rainha em 1924. Aí conheceu a mamã que, sendo de Alcobaça, e tendo nascido no mesmo ano, passava férias nas Caldas, com a prima Irene, que lhe pedia ajuda no café de que era

proprietária. O papá migrou para Moçambique em 1952, em busca de uma vida digna. Uns anos depois pediu a mamã em casamento, por carta, e casaram por procuração, como era uso nestas situações. A mamã juntou-se-lhe após arranjar vaga para a longa viagem no navio *Império*. O papá tinha feito a viagem no *Pátria*.

Vim ao mundo doze anos depois. A mamã não aguentava os filhos na barriga. Fazia-os e desmanchavam-se por vontade de Deus, de maneira que pode dizer-se que o meu nascimento foi um milagre. O primeiro e o último nas nossas vidas. Estive para me chamar Maria Josefa, como a mãe do papá, ou Carla Maria, como a madrinha moçambicana, mas a mamã bateu o pé e nomeou-me Maria Luísa, por ser um nome mais alegre e lhe lembrar a Louise Brooks, atriz de Charlie Chaplin, cujos filmes vira projetados ao ar livre, nas noites de verão da sua juventude.

Comparo a nossa vida a uma travessia dos mares do sul, pejados de piratas e navegadores solitários, por vezes indistintos.

A casa que herdei dos papás é na Outra Banda, que, como toda a gente sabe, é um vasto e morno país do sul. E a Outra Banda recebeu-nos amorosamente e nunca de cá quisemos sair. Aqui repousam os nossos corpos, o meu em carne, os deles a caminho do pó, embora me esforce todos os dias por os manter vivíssimos e acredite nesse meu poder como na água que sai da torneira, se não houver rotura na rede de distribuição.